

As “caixas pretas” na semiótica de Greimas: o que Ronald Schleifer e Louis Hébert têm a dizer?

*The “black boxes” in Greimas’ semiotics: what do Ronald Schleifer and Louis Hébert
have to say?*

Valdenildo dos Santos¹
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Três Lagoas, Mato Grosso do Sul

Haob Garcia Bino dos Santos²
Indiana University Kokomo
Kokomo, Indiana, Estados Unidos

Resumo: Este artigo é produto de pesquisas (2014-2021) sobre a existência ou não de “Caixas Pretas” deixadas na Semiótica de Algirdas Julien Greimas, envolvendo doze perguntas a doze dos seguidores do semiótico lituano e outros estudiosos pelo telefone e em vídeos com Arnaldo Cortina, Diana Barros, Edna Fernandes, Edward Lopes, Ivan Lopes, José Luiz Fiorin, Louis Hébert, Nícia Ribas D’Ávila, Ronald Schleifer e Sílvio de Santana Jr. cujas transcrições foram realizadas tendo como pressuposto metodológico a forma padrão de transcrição, conforme Luiz Antonio Marcuschi (1986), isto é, grafia-padrão e grafia modificada, com peso maior recaindo sobre a ortografia padrão. Essa opção se deve ao fato de que não se trata apenas da descrição de uma entrevista, mas de contrapontos e argumentação com outras leituras as quais as entrevistas remetiam no momento de fala. Neste artigo, apresentamos os resultados de discussão *in texto* com Ronald Schleifer e Louis Hébert.

Palavras-chaves: Semiótica, Caixas Pretas, Greimas.

Abstract: This article is the product of research (2014-2021) on the existence or not of “Black Boxes” left in the Semiotics of Algirdas Julien Greimas, involving twelve questions to twelve of the Lithuanian semiotician’s followers and telephone and video interviews with Arnaldo Cortina, Diana Barros, Edna Fernandes, Edward Lopes, Ivan Lopes, José Luiz Fiorin, Louis Hébert, Nícia Ribas D’Ávila, Ronald Schleifer and Sílvio de Santana Jr. whose transcriptions were carried out having as a methodological assumption the standard form of transcription, according to Luiz Antonio Marcuschi (1986), that is, standard spelling and modified spelling, with greater weight falling on the standard spelling. This option is because it is not just a description of an interview, but counterpoints and arguments with other readings that the interviews referred to at the time of speech. In this article, we present the results of an in-text discussion with Ronald Schleifer and Louis Hébert.

Keywords: Semiotics, Black Boxes, Greimas

¹ Professor Associado III da UFMS. Pós-doutor em Linguagem e Culturas pela Purdue University, Indiana, Estados Unidos (2016-2018) e Doutor em Letras pela UNESP (2001), Mestre em Comunicação e Poéticas Visuais pela UNESP (1997) e Bacharel em Letras pela USC (1992). Líder do GEALLES, Grupo de pesquisa em Ensino e Aprendizagem de Línguas e Leituras Semióticas. E-mail: valdenildo.santos@ufms.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6224-6650>.

² Bacharel em Psicologia pela Indiana University Kokomo, Indiana, Estados Unidos (2023), colaborador na tradução e aspectos de análise psicológica do texto. E-mail: haobdosantos@outlook.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8684-1105>.

Thanks so much for writing. I'm intrigued by your focus on "black boxes" in Greimas, especially because it's my sense that much of his work -- esp. with the semiotic square -- functions to unpack black boxes. That certainly my sense of the ways in which he focuses on the "mediated" nature of seeming "immediate" phenomena of meaning... I'm grateful that you have included me among those you are consulting, and I look forward to hearing from you. Best, Ron³

INTRODUÇÃO

A epígrafe é a parte da resposta de Ronald Schleifer, assinado carinhosamente “Ron”, a uma correspondência eletrônica (e-mail) que lhe enviei convidando-o a participar de minhas pesquisas sobre as “possíveis” caixas pretas deixadas pela teoria semiótica do lituano Algirdas Julien Greimas em sua semiótica.

Este artigo, portanto, procura responder perguntas como: As “caixas pretas” de fato existem na teoria? O que seus discípulos fizeram de sua semiótica? Qual a contribuição de semioticistas como Jacques Fontanille, Claude Zilberberg, Eric Landowsky, Jean Marie Floch e outros semioticistas brasileiros ao desenvolvimento ou preenchimento de uma “caixa preta”?

Por uma questão de espaço, neste artigo, apresento a opinião do americano Ronald Schleifer (2018) e do canadense Louis Hébert (2018), estudiosos de semiótica. No caso de Hébert, também professor de literatura que é a sua especialidade. Os diálogos travados aqui resgatam, de certa forma, o Projeto Científico do “mestre” lituano e aborda o desenvolvimento de sua teoria, mais de 32 anos após a sua morte.

O que Greimas falou sobre as “caixas pretas” e a imanência textual?

Algirdas Julien Greimas e Joseph Courtés admitem em seu dicionário de semiótica a possibilidade destas “Caixas Pretas”, por exemplo, na análise do teatro, da ópera, do balé, do circo, das corridas, das competições esportivas e dos espetáculos de ruas (1979, p. 452).

Além de outras “pistas” deixadas ao longo do dicionário de semiótica, Greimas sugere a existência das “caixas pretas” em um dos livros que escreveu com Jacques

³ **From:** Schleifer, Ronald schleifer@ou.edu **Sent:** Monday, June 4, 2018 2:42 PM
To: lavsotnas@hotmail.com **Subject:** Re: research on Greimas.

Fontanille, “Semiótica das Paixões” (1991), que foi traduzido no Brasil em 1993, ao se referir à “potencialização” (1993, p. 32).

Então, Greimas vai buscar a imanência no nível textual e nos ensina que é internamente que se busca a significação. Ele difere de alguns de seus seguidores ortodoxos por sua simplicidade, outra característica genial, e estava aberto a sua própria teoria e dava a dica aos discípulos, especialmente aqueles que frequentavam seus seminários na Sorbonne. Ainda em seu dicionário junto com Courtés ele dizia que a “autonomia da linguística” é a “imanência” e é “justificável pela especificidade de seu objeto”, como já “afirmada com insistência por Saussure” (2008, p. 255). O mesmo Greimas vai dizer ainda que Hjelmslev retoma o conceito “sob a forma do princípio de imanência”. Isto posto, a “forma” é sinônimo para “língua”, o objeto da linguística de Ferdinand de Saussure. Greimas, conclui, então, que o “recurso aos fatos extralinguísticos deve ser excluído por ser prejudicial à homogeneidade da descrição”, (2008, p. 255) quando o semioticista fizer a ecografia do texto.

Se “Semântica estrutural” (1973)⁴ nasce como uma teoria geral da significação, duas décadas depois da elaboração da teoria das modalidades, seus seminários na Sorbonne vão tratar das paixões (1993)⁵.

Nícia Ribas D'Ávila, orientada por Algirdas Julien Greimas em seu doutorado em Ciências da Linguagem - Semiótica Verbal e Musical⁶ (1987) desenvolveu a Teoria da Figuratividade também conhecida como “Teoria Daviliana” baseada na semiótica greimasiana e publicou diversos artigos, orientou diversos alunos em seu mestrado e doutorado durante mais de 30 anos no Brasil (2007/2015)⁷.

O resultado de suas pesquisas em torno da criação de um arcabouço teórico próprio para a análise de textos sincréticos e imagéticos está nos livros “Semiótica Sincrética Aplicada. Novas Tendências” (2007) e “Semiótica Verbal e Sincrética Verbo-Visual e Verbo-Musical Teorias e Aplicabilidade” (2015) em que apresenta sua teoria e cita as “caixas pretas” “que, por vezes, surgiam em sua teorização, algumas relacionadas a pesquisas que Greimas ainda não tivera tempo hábil para concluí-las, outras formuladas por pesquisadores, voltadas ao caráter discursivo, ao rítmico-intonativo, à significação não verbal” (2015, p. 2). Durante suas aulas nos programas de pós-graduação da UNESP, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” de São Paulo, Campus de Bauru (1997) e Assis (1999), D'Ávila mencionou que Greimas, em seus seminários que ela havia assistido na Universidade de Sorbonne durante seu doutorado falou sobre certas “boîtes

⁴ Versão original lançada em francês em 1971.

⁵ Versão original lançada em francês em 1991

⁶ Sua tese encontra-se na Université de Paris III (Sorbonne-Nouvelle-).

⁷ Leia-se: “Semiótica Sincrética Aplicada. Novas Tendências” e “Semiótica Verbal e Sincrética Verbo-Visual e Verbo-Musical Teorias e Aplicabilidade”.

noires” que deveriam ser preenchidas em sua teoria. Ela dizia que as pesquisas de Floch, embora tenham grande importância no desenvolvimento da teoria, não verificaram não chegaram a trazer uma linguagem própria para o exame do texto não verbal e sincrético.

Os estudos de D’Ávila, como afirma Santos⁸ (2017) em seu artigo “Caixas Pretas”: As Contribuições da Teoria Daviliana para a Teoria de Greimas” “ampliaram consideravelmente a teoria semiótica greimasiana, posto que mostram a criação de uma nomenclatura e meios específicos de análise verbo-musical e verbo-visual” (2017, p. 31).

Não só na entrevista em vídeo de D’Ávila, mas também ao longo do dicionário de semiótica, num exame mais atento, pode-se perceber que, de fato, as tais “caixas pretas” existiram e ficaram para ser desvendadas pelos discípulos de Greimas, uma vez que o semioticista lituano nos deixou em 1992, aos 72 anos de idade e não teve tempo vital para desenvolver⁹ (2017, p. 31).

Devemos nos lembrar que Greimas foi lexicólogo antes de criar sua teoria transfrástica, porque com sua tese em lexicologia na Sorbonne, ele nos fazia entender que o signo tem sentido “vazio”. É assim que há a transição do estudo do signo ao estudo do texto. Fontanille propõe, desta forma que além do nível de imanência, devemos observar também o nível de pertinência do texto. Seria esta uma tentativa de se desvendar uma “caixa preta”, ou a proposta de Fontanille rompe com a proposta original da semiótica de Greimas?

Há de se pensar e repensar nesta questão de pertinência, porque se tudo for pertinente, e o é, então como vamos primar pela imanência do texto? Seria mesmo o caso de se redefinir o objeto da semiótica de Greimas, como Fontanille propõe com seu quadro cultural da pertinência? É certo que limitarmos, hoje em dia, a semiótica a três principais escolas, como a americana, a francesa e a russa seria um ato ingênuo, mesmo porque temos a zoo semiótica de Sabeok, a biosemiótica e o estudo da comunicação entre células e muitas outras ramificações que se deram ao longo do tempo. Por outro lado, é preciso tomar cuidado com essa questão da pertinência para não nos desviarmos da proposta original de Greimas.

É o semioticista lituano que, ao lado de Joseph Courtés, vai dizer que “O conceito de pertinência impôs-se na linguística graças à Escola de Praga” (2008, p. 363) e está conectado ao estudo dos sistemas de sons que podem incluir ou não à fonética. Se considerada, a fonética, no desenvolvimento da fonologia, teríamos o sistema de relações

⁸ Acta Semiotica et Linguística, Revista Científica da Universidade Federal da Paraíba, v. 22, n. 1, 2017.

⁹ “O próprio Greimas admitia em seus seminários por D’Ávila assistidos na Sourbone, cujo registro temos em entrevista em vídeo da própria semioticista concernente às frases de Greimas, sobre as “boite-noires”, catalogadas para posterior análise e publicação” (2017, p. 31).

de contraste entre os sons produzidos pela fala que funcionariam como os componentes fundamentais da linguagem. O fonema, por assim dizer, seria a designação da propriedade de um elemento linguístico que se distingue dos outros elementos com os quais o podemos comparar e o teríamos como algo capaz de ser útil para o processo da comunicação, conforme já informava André Martinet (2012, p. 369). Neste caso, a pertinência estaria para tratar do fonema como fema.

Greimas e Courtés informam sobre a escolha de Roland Barthes de descrever o objeto “de um só ponto” como “pertinente”, preservando-se “com vistas à descrição, apenas os traços que interessam a esse ponto de vista (que, para o semiótico, é o da significação)” (2008, p. 363). Nesta perspectiva é o analista que, ao delimitar o *corpus* de estudo extrai o que lhe é pertinente para sua proposta de análise e elimina o que não é. Esta perspectiva, como vemos, oferece uma certa “liberdade” ao analista, mas este não deve jamais abandonar o texto e “viajar” em sua subjetividade. A saída, para Fontanille, estaria na redefinição do objeto semiótico via níveis de imanência e pertinência e, este último, nos permitiria organizar as instâncias formais para definir a cultura sob o prisma semiótico e as instâncias materiais para definir elementos de cada nível que, integrados, projetariam novos limites de imanência. É assim que chegaríamos a uma semiótica da cultura. O plano da expressão estaria, assim, elaborado via níveis de pertinência.

O que Louis Hébert pensa sobre as “caixas pretas” na teoria semiótica de Greimas?

Louis Hébert é professor de Literatura na Universidade de Quebec, no Canadá e organizador de “An Introduction to Applied Semiotics: Tools for Text and Image” disponível *online* em que apresenta a teoria de Greimas de forma didática.

Em minha conversa com Hébert via e-mail, ele se dizia mais um “discípulo” de François Rastier do que propriamente de Greimas. No entanto, ele menciona Jacques Fontanille, Claude Zilberberg e Jean Marie Floch como prováveis desenvolvedores de “caixas pretas” na teoria de Greimas: “I can’t tell. I’m sure Fontanille considers is completing Greimas. Is it the case? I don’t know. Zilberberg’s way seems to me different from Greimas”¹⁰.

Em minha conversa com Hébert via e-mail, ele se dizia mais um “discípulo” de François Rastier do que propriamente de Greimas. No entanto, ele menciona Jacques Fontanille, Claude Zilberberg e Jean Marie Floch como prováveis desenvolvedores de

10 Todas as palavras de Hébert citadas neste texto estão registradas em correspondência eletrônica datada de 1/12/2014, 5:03 da tarde por meio de anexo em que respondeu uma série de perguntas sobre o Projeto de Pesquisa sobre as “Caixas Pretas”.

“caixas pretas” na teoria de Greimas: “I can’t tell. I’m sure Fontanille considers is completing Greimas. Is it the case? I don’t know. Zilberberg’s way seems to me different from Greimas”¹¹.

Ao perguntar-lhe se desenvolvia alguma “caixa preta” da semiótica de Greimas, professor Hébert foi cauteloso ao dizer que o que ele mantém de Greimas é uma inspiração geral e algumas ferramentas como o modelo actancial: “I don’t follow that school on its phenomenology (for instance, the generative path). My main approach is from François Rastier”.

Hébert não segue a semiótica da Escola de Paris no que diz respeito a sua fenomenologia, como o Percurso Gerativo de Sentido. Sua abordagem principal vem sob influência de Rastier e, desta forma, Hébert tenta desenvolver uma semiótica bem estrutural e coesiva, a partir de uma análise “starting from the basis and going to more complex things”. Ele parte do básico ao complexo, modelo que ele chama de semiótica geral (“General Semiotics”), porque, explica, que geralmente não está limitada a textos verbais. De fato, nas análises de Hébert em que apresenta as ferramentas da teoria de Greimas, ele inclui também obras de arte. Mas além dessa proposta de uma “semiótica geral”, a qual ele também chama de “semiótica interpretativa”, Hébert também tenta explicar objetos, coisas, com o uso de palavras simples e técnicas, fornecendo exemplos não muito alongados: “But to say it’s “General” is not sufficient. Maybe you can call it systematic”. Ele pondera que toda teoria é sistemática, mas a sua proposta, em si, é mais sistemática ainda.

Perguntei a Hébert em relação aos seus trabalhos mais atuais em literatura:

- O que torna seus trabalhos mais recentes em literatura diferentes e inovativos comparados com outras propostas já existentes de análise literária do texto?
- *First, it’s more complete. Usually, books on the topic present only some of the things I present. Sometimes no book ever talked about on things I talked about.*

Sua resposta informa que sua proposta é mais completa que as existentes, porque os livros sobre determinado tópico, por exemplo, só falam parcialmente dele, ao passo que sua proposta é mais abrangente e cita como exemplo, a forma de se fazer uma boa citação, a distinção entre abordagem e aspecto, e assim por diante.

Hébert escreveu e disponibilizou *online* o livro “L’analyse des Textes Littéraires: Une Méthodologie Complexe?”¹². O que existe de “completo” em seu livro? Hébert diria

11 Todas as palavras de Hébert citadas neste texto estão registradas em correspondência eletrônica datada de 1/12/2014, 5:03 da tarde por meio de anexo em que respondeu uma série de perguntas sobre o Projeto de Pesquisa sobre as “Caixas Pretas”.

12 <http://www.signosemio.com/documents/methodologie-analyse-litteraire.pdf> played on October 2, 2013.

que o aspecto é a parte componente do texto que pode ser analisado. A abordagem, (ou o método) é o modo de se analisar: “For instance, Stylistics is an approach that studies the aspect, “style”.

Ao falar da dificuldade teórica levantada por Greimas quanto a presença de múltiplo significante com a presença de um único sentido (Greimas & Courtés, 1979, p. 452) para uma semiótica teatral, por exemplo, Hébert respondeu que “Rastier would say that the global (object, realization of the “genre”, part of the text), So, if you analyze the language separately, you also have to change your analysis when you consider the whole object in which the language is present”. Em outras palavras, segundo o que pensa Rastier, o global (geral) como o objeto em si, a realização do gênero x ou y, por exemplo são parte de um texto maior. Diante deste quadro, ao se analisar a língua separadamente é preciso mudar a análise ao se considerar o objeto inteiro no qual a linguagem está presente. Estamos falando, deste modo, de um termo englobante e de outro englobado.

Hébert não respondeu a todas as perguntas, mas disse que a semiótica de Greimas foi muito popular nos anos 70 e 80 no Canadá e encerra nossa conversa dizendo que, como toda teoria, a teoria semiótica de Greimas tornou-se menos popular e criticada, segundo ele, de forma geralmente injusta.

Quanto as potencialidades e limitações da teoria, Hébert disse que se há uma narrativa, então pode-se dizer que não há teoria melhor para se analisar: “if there is a narrative, a story, then Greima’s approach is at his best”. Outro ponto positivo destacado por Hébert é o potencial da teoria em relação ao conceito de sema e isotopia, porque são trans semióticos e se aplicam não só ao discurso verbal, mas também ao discurso não-verbal. No dicionário por ele elaborado, Hébert apresenta um método para a análise não-textual e para a análise de produções que chama de “polisemióticas”.

Por onde começar a análise? Esta parece ser a pergunta crucial da maioria absoluta dos alunos e analistas de discurso. Em seu livro sobre os vinte métodos para a análise de textos literários, professor Hébert sugere, por ser o sentido diferente, que o analista comece a análise com o olhar para as oposições e a identidade, o que chama mais precisamente de “oppositive nuances”, nuances opostas, e arremata: “because nothing is identical to nothing”.

Sete anos depois, ao lhe perguntar sobre as “caixas pretas”, se existem ou não na teoria, Hébert dizia não saber se era “caixa preta” ou não, mas que as análises sêmicas eram rudimentares e que Greimas teria criado o conceito de isotopia, desenvolvido depois por Rastier: “I don’t know if it’s a black box, but Greimas’ semic analysis was rudimentary

(but he invented the wonderful concept of isotopy). Rastier went a lot further on that topic”¹³.

O conceito de isotopia Greimas empresta da física. Aliás, Greimas também inventou os termos conjunção e disjunção com base no conceito da falta inicial das narrativas e o seu preenchimento conforme o estudo de Vladimir Propp das funções dos contos maravilhosos russos e o conceito de euforia e disforia emprestados da psicanálise freudiana.

O que o professor e escritor americano Ronald Schleifer pensa sobre as “caixas pretas” na teoria semiótica de Greimas?

Ronald Schleifer é um dos responsáveis pela disseminação da semiótica de Greimas em solo americano, professor e pesquisador da Universidade de Oklahoma, Campus de Norman¹⁴. Ao responder questionário de pesquisa sobre as “caixas pretas” e o desenvolvimento da semiótica de Greimas (2018), professor Schleifer afirma que está intrigado sobre o assunto: “I’m intrigued by you focus on "black boxes" in Greimas, especially because it's my sense that much of his work -- esp. with the semiotic square -- functions to unpack black boxes”.

Como vemos, para Schleifer, a maior parte do trabalho de Greimas em torno do desvelamento de “Caixas Pretas” estaria na criação de seu quadrado semiótico: “That certainly my sense of the ways in which he focuses on the "mediated" nature of seeming "immediate" phenomena of meaning”.

Schleifer fala sobre o fenômeno do sentido imediato da natureza de mediação do nível do “parecer” como uma das maneiras praticadas por Greimas:

In fact, just recently I completed an essay entitled “The Aesthetics of Pain: Semiotics and Affective Comprehension in Music, Literature, and Sensate Experience,” which will appear in *Configurations* at the end of the year, that argues that Greimas teaches us that much we take to be "immediate" (and thus a kind of automatic input/output black box), with defining cases of "immediacy" under the negative and positive categories of pain and music, can be systematically "unpacked." So by all means I'm happy to answer your questionnaire.

Schleifer explica que Greimas nos ensina que muito daquilo que tomamos como imediato é uma espécie de “caixa preta” de entrada e saída automáticas, com a definição de casos de "imediatismo" sob as categorias negativa e positiva de dor e música que pode ser sistematicamente "desempacotada".

¹³ Professor Louis Hébert em 16 de novembro de 2021 por *e-mail*. O questionário sobre as “Caixas Pretas” foi respondido em 2014.

¹⁴ Professor Ronald Schleifer respondeu questionário de Projeto de Pesquisa sobre as “caixas pretas” de Greimas enviado via e-mail em 05/06/2018.

Dizendo estar feliz em responder ao meu questionário, Schleifer agradece por eu incluí-lo no rol dos meus entrevistados. Minha primeira pergunta foi:

-Você já ouviu falar de alguma “caixa preta” de Greimas?

-Nunca ouvi falar de “caixas pretas” em relação a Greimas.

Schleifer acrescenta que no início de sua carreira no estudo da sociologia da ciência, Bruno Latour organizou seu estudo sociológico das práticas das ciências institucionais e de laboratório em relação a “descompactar” (palavra minha) a “caixa preta” de entrada e saída formal da ciência acadêmica. Ele explica que com isso, “ele tentou analisar o que ocorre entre a entrada de “dados” e a saída de “resultados científicos”. Esses estudos incluem Ciência em Ação e Vida em Laboratório (se bem me lembro dos títulos)”.

Schleifer escreveu o ensaio "Disciplinary and Collaboration in the Sciences and Humanities" (1997) que se tornou capítulo de seu livro "Analogical Thinking" (2000) em que investiga a “organização de modalidades de colaboração científica por meio de um quadrado semiótico Greimassiano”. Ele lembra-se que “muitos trabalhos em “sociologia da ciência” ocupam as “caixas pretas” do discurso científico para desmistificar e “desempacotar” o que parece ser uma simples trajetória da ignorância ao conhecimento que não leva em conta” o que ele chama de “mediações” de significado, ou seja, “as estruturas semióticas e, de fato, os “esquemas” neurológicos e culturais - que “medeiam” o que parece ser a “experiência imediata” de significado/conhecimento e, de fato, a experiência sensorial”. Schleifer destaca seu “trabalho nas humanidades médicas” como “particularmente focado nisso, onde usa a narratologia greimassiana e a análise actancial para “desempacotar” narrativas que os pacientes trazem aos médicos”¹⁵. Temos, aqui, a sugestão de que ele, Schleifer, estaria desenvolvendo uma “caixa preta”?

Schleifer afirma que a semiótica de uma forma geral tenta descobrir processos e estruturas previamente compreendidos como “simply immediate – and immediately apprehended – facts and meaning”.

Ele explica que no início de sua carreira, Greimas descreveu as grandes transformações na linguística no século XX como uma ciência de expressão transformada em ciência da percepção: “Greimas described the great transformations in linguistics in the twentieth century, which lead to semiotics, as the transformation of linguistics “as a science of expression into a science of perception.”

Ao fazer essa mudança na linguística, da expressão à percepção, “he is describing the phenomenological impulse inhabiting linguistics”. Há, portanto, para ele, a descrição de um impulso fenomenológico que habita na linguística.

Schleifer cita os trabalhos de Jakobson, Lévi-Strauss, Greimas na Europa e Peirce e seus seguidores na América, assim chamados de pós-estruturalistas que tentaram ir além.

¹⁵ Leia-se Schleifer e Vannatta, *The Chief Concern of Medicine* (2013, University of Michigan Press). Uma análise preliminar elaborada da narratologia de Greimas em relação ao trabalho de Lévi-Strauss aparece em Schleifer, Davis, Mergler, *Culture and Cognition* (1991, Cornell University Press) em um capítulo intitulado "Structures of Meaning: The Logic of Narrative and the Constituição de gêneros literários.

There is a fine study of Roman Jakobson (by Elmar Holenstein) subtitled “phenomenological structuralism.” This, I take it, is the great work of semiotics in general and Greimas in particular: to discover “structures” governing the seeming immediacy of “phenomenology.” Such a discovery is what I mean by “unpacking” the black box

Schleifer destaca o trabalho de Roman Jakobson, ao qual classifica como “semioticista” que estuda o estruturalismo fenomenológico, como grande contribuição em geral, e Greimas, ao descobrir as “estruturas” governando a imediatez do parecer da fenomenologia, o que ele chama de uma “caixa preta”.

Schleifer abre um parêntese para falar de um grande aluno de Peirce, a quem ele estuda extensivamente em seu novo livro “A Political Economy of Modernism (2018, Cambridge), o economista Thorstein Veblen que, segundo ele, tenta historicizar o valor, submetendo suposições sobre a "natureza humana", à economia e análise quase-semiótica. Em seu trabalho, uma "caixa preta" é a realidade auto evidente da "propriedade". O trabalho de desempacotar as caixas pretas é sujeitar o auto evidente - e em sua historicização da economia, as auto verdades evidentes que regem o pensamento iluminista - ao escrutínio analítico. Schleifer dedica um capítulo de seu livro para situar a semiótica como uma ciência performativa "modernista"¹⁶.

São várias as “caixas pretas” para Schleifer. Observe:

- There is the black box of the seeming *immediacy* of felt meaning, the sense that meaning is instantly – by means of the philosophical sense of “intuition” – grasped. Greimas’s semiotic square “unpacks” this black box.
- There is the black box of the seeming *immediacy* of the “meaningful whole” – Greimas’s term in *Structural Semantics* – of narrative discourse. Greimas’s narratology “unpacks” this black box.
- There is the black box of the seeming *immediacy* of feeling poetry provokes. Greimas’s linguistic/structuralist analysis “unpacks” this black box. (See my “Aesthetics of Pain” essay [*Configurations* 2018 forthcoming].)
- There is the black box of the seeming *immediacy* of sensate experience. In “The Semiotics of Sensation” (*Semiotica* 2017) I use semiotic squares to “unpack” this black box.
- There is the black box of the seeming *immediacy* of what Richard Rorty calls “intuitive understanding.” In “The Semiotics of Speculation” (*Genre* 2009) I follow Greimas in critiquing Rorty’s position.
- Greimas’s other work – on passion, social science, and even the systematic encyclopedic study of semiotics itself. – all can be understood as “unpacking” black boxes.

A começar pela primeira delas, a qual chama de “caixa preta da aparente imediatez do significado/sentido, a sensação de que o significado é instantaneamente - por meio do sentido filosófico de “intuição” - apreendido. Para ele, o quadrado semiótico de Greimas “desvenda” esta caixa preta.

¹⁶ Leia-se o capítulo do livro intitulado "Da economia ao discurso: fato econômico, fato semiótico."

A segunda “caixa preta” é aquela que mostra a aparente imediatez do “todo significativo”, conforme Greimas expressa em “Semântica Estrutural”, quando fala do discurso narrativo. Para ele, a narratologia de Greimas “descompacta” essa caixa preta.

A terceira caixa preta é aquela que nos fala do aparente imediatismo do sentimento que a poesia provoca. Para Schleifer, a análise linguística/estruturalista de Greimas “descompacta” esta caixa preta, diria eu, com o estudo objetivo, imanente do texto. Em seu ensaio sobre a estética da dor (2018), Schleifer fala sobre o assunto com mais vagar.

A quarta caixa preta é aquela da aparente imediatez da experiência sensorial que Schleifer usa quadrados semióticos para revelá-la em “The Semiotics of Sensation” (2017).

A quinta caixa preta é a do aparente imediatismo do que Richard Rorty chama de “compreensão intuitiva” e que Schleifer segue os passos de Greimas em sua crítica a Rorty, ao escrever “The Semiotics of Speculation” (2009).

A sexta caixa preta é o estudo da paixão, das ciências sociais e até mesmo o estudo enciclopédico sistemático da própria semiótica.

Schleifer compreende as “caixas pretas” como “self-evident truths” que teríamos herdado do Iluminismo e cita um trecho da fala de Thomas Jefferson na Constituição Americana: “we take these truths to be self-evident”. Para ele, o pensamento crítico em geral, mesmo o pensamento crítico iluminista está posicionado para questionar o que é auto evidente.

Para provar sua tese, Schleifer menciona a conquista de Darwin na biologia (questionando a existência auto evidente das espécies), Marx na sociologia (questionando a existência auto evidente das formações sociais), Freud na psicanálise (questionando a existência auto evidente da loucura, paixão, neurose), Nietzsche na filosofia (questionando a existência auto evidente como razão livre de contexto), Saussure na linguística (questionando a existência auto evidente do significado na linguagem).

Ele conclui que Greimas contribuiu para essa tradição ao questionar a existência auto evidente entre semântica e significado/sentido em sua obra “Semântica Estrutural”. Schleifer, em particular, ao lado de R. C. Davis num livro chamado “Criticism and Culture: The Role of Critique in Modern Literary Theory (1991, Longman)”, faz um rastreamento do que chama de “desempacotamento” na categoria de “crítica”.

Critical thinking in general – even Enlightenment critical thinking – is precisely poised to question the self-evident. That is the great achievement of Darwin in biology (questioning

the self-evident existence of species), Marx in sociology (questioning the self-evident existence of social formations), Freud in psychology (questioning the self-evident existence of madness, passion, neurosis), Nietzsche in philosophy (questioning the self-evident existence as context-free reason), Saussure in linguistics (questioning the self-evident existence of meaning in language). In *Criticism and Culture: The Role of Critique in Modern Literary Theory* (1991, Longman) R.C. Davis and I trace what I am calling “unpacking” under the category of “critique.” Greimas’s contribution to this tradition is questioning the self-evident existence of semantics/meaning, beginning with *Structural Semantics*.

Falei a Schleifer sobre um artigo do colega Adenil Alfeu Domingues (em memória) que inspirado em Nícia Ribas D’Ávila, (Domingues assistiu as aulas de D’Ávila na pós-graduação da UNESP, de Bauru e Assis em 1997) fala que “Greimas e Courtés fizeram um discurso semiótico e que seus seguidores ainda estão tentando preencher as “caixas pretas” que restaram em sua semiótica, saindo do discurso verbal e entrando no terreno da linguagem não verbal como feito por Jean Marie Floch (2004, p. 191).

O campo da linguagem não verbal é vasto e complexo. As "Caixas Pretas" a que se dirige Domingues são aquelas da semiótica francesa em matéria de Semiótica Plástica ou Visual, já que Floch foi durante anos um dos colaboradores de Algirdas Julien Greimas na elaboração da teoria semiótica geral e dirigiu o Grupo de Pesquisa Semiologia (EHES-CNRS) em Paris. Perguntei-lhe:

-Na sua opinião, a contribuição de Floch para a semiótica de Greimas constitui, de fato, o desvelamento e o desenvolvimento de uma “caixa preta” deixada por Greimas?

Schleifer respondeu que não tinha conhecimento suficiente sobre o trabalho de Floch para responder a pergunta:

-I am not knowledgeable enough about Floch’s work to answer this. However, I think it is too narrow to think of black boxes left unpacked by Greimas solely in linguistic/semiotic terms, such as the zoosemiotics and non-verbal semiotics suggested above.

No entanto, ele acha que não se deve pensar em caixas pretas deixadas a serem desvendadas somente em termos semióticos e linguísticos como as zoo semióticas e a semiótica não verbal. Ele acrescenta: “I think the great unplumbed area is the crossing of the continental/Saussurean tradition of semiotics, in which Greimas takes an important place, and the US/Peircean tradition of semiotics”.

Ele acha que a grande área não sondada é o cruzamento da tradição da semiótica continental/saussuriana, na qual Greimas ocupa um lugar importante, e a tradição norte-americana/peirciana da semiótica, cujo estudo da temporalidade da semiose está no coração de Peirce - afinal, seu “interpretante” é um processo temporal. Schleifer chega a dizer que tal estudo não está na semiótica de Greimas: “The *temporality* of semiosis is at

the heart of Peirce – after all, his “interpretant” is a temporal process. As far as I know, such temporality is not systematically analyzed in Greimassian (or Saussurean) semiotics”.

Schleider fala em temporalidade enquanto historicidade: “And such temporalization – I prefer calling it “historicization” – is an area of future study that hold much promise for opening up extra-semiotic fields to be pursued by means of Greimas’s “phenomenological structuralism.” Neste sentido, ele sugere a leitura de seu livro sobre economia e política, cujo subtítulo é *Literature, Post-Classical Economics, and the Lower Middle-Class*, em que afirma ser um gesto na direção destes estudos temporais. O tempo, em Greimas, é visto em termos aspectuais, imanentes ao texto e não ao contexto histórico. Como se vê, ele não se refere a questão do tempo estudado por Greimas como os processos incoativo, durativo, terminativo etc. dos verbos, ou seja, a aspectualidade.

As caixas pretas funcionam como manipuladoras de uma série de semioticistas como Jacques Fontanille que depois de escrever "Semiótica das Paixões" com Greimas (1993) escreveu "Tensão e Significação" (2001) junto com Claude Zilberberg, "Significado e Visualidade" (2005), "a Semiótica do Discurso" em 2005, dentre outras obras.

Para uma semiótica poética, Claude Zilberberg, nas palavras de Ivan Lopes, traça o seu próprio caminho inventivo e exigente à "Poética da Razão e do Sentido" (2006) com o seu “fazer” emissivo e remissivo. Pode-se considerar a obra de Jacques Fontanille e Claude Zilberberg como obras que descobriram e desenvolveram algumas "caixas pretas" deixadas por Greimas em sua semiótica?

Demonstrando humildade, Schleifer responde que não conhece as obras mencionadas e que, portanto, não pode responder.

Falo, então, em relação a uma semiótica literária propriamente dita, citando Denis Bertrand em "Caminhos da Semiótica Literária" (2003) que reflete sobre o figurativo como manipulador da análise semiótica "da dimensão figurativa do discurso e da atividade de percepção" (2003, p. 261). Nesse sentido, buscam-se os objetos como na semântica descritiva e semiótica da sensibilidade, preocupação da semiótica literária, uma vez que esta semiótica “põe em jogo a existência sensível e o questionamento, ou mesmo transforma os modos de perceber” (2003, p. 261), retomando o diálogo de Greimas com a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, em busca do ser do sujeito.

Apesar de dizer que não conhece a obra de Bertand traduzida no Brasil, as respostas anteriores de Schleifer nos permitem dizer que ele falou da fenomenologia como uma caixa preta que Greimas teria desvendado. Ele não quer opinar sobre a contribuição ou não de Denis Bertand no sentido de que teria desvendado uma caixa preta.

Falo para Schleifer que essa preocupação da semiótica em dar conta do sentido no texto literário, porém, tem seus primeiros passos com a publicação de "Ensaio de Semiótica" (1975), organizado pelo próprio Greimas, obra que inclui artigos dos semioticistas Michel Arrivé, Jean - Claude Coquet, Jean-Paul Dumont, Jacques Geninasca,

Gueunier Nicole, Jean-Louis Houdebine, Julia Kristeva, François Rastier, Teun A. Van Dijk e Claude Zilberberg. A data de lançamento original do livro é 1972. Sem abordar especificamente a literatura, mas aplicando a teoria também aos textos literários, muitos outros livros e obras são publicados no Brasil.

No Canadá, o Professor Louis Hébert (2013) fornece uma metodologia para produzir princípios de análise para os aspectos formais da literatura como definições de análise, tipos de análises, partes e fases desta análise, mapa, argumento, opinião, citações, referências etc. como já vimos.

É nesta perspectiva que Hébert apresenta sua proposta de metodologia completa para a análise de textos literários em *L'analyse des Textes Littéraires: Méthodologie Complete Une et L'analyse des Textes Littéraires: Vingt Méthodes*, trabalho publicado na revista SIGNO, com acesso livre na Internet¹⁷.

Schleifer diz que não está bem-informado sobre o trabalho de Hébert e que, por isso, prefere não opinar. Defende, no entanto, que pesquisas sobre caixas pretas devem ser abertas e não fechadas:

There will always be a plethora of “systems” and “methods” of engaging with literary texts, and the arguments will be unending – or rather, never really taken up by people working in different “areas.” The more important goal, I think – I believe it was Greimas’s own goal in spreading out his thinking to so many various extra-semiotic disciplines – is to find ways that strategies of semiotics (and of “phenomenological structuralism”) can make practical differences in ongoing life-problems in medicine, law, disciplinary understanding, even music, post-Newtonian physics, and complexity theory.

De acordo com Schleifer, sempre haverá uma infinidade de "sistemas" e "métodos" de envolvimento com textos literários, e os argumentos serão intermináveis - ou melhor, nunca realmente utilizados pelas pessoas trabalhando em diferentes “áreas”.

O objetivo mais importante que ele acha foi o próprio objetivo de Greimas em espalhar seu pensamento para tantas disciplinas extra semióticas e encontrar maneiras pelas quais as estratégias da semiótica (e do "estruturalismo fenomenológico") pudessem fazer diferenças práticas em problemas contínuos da vida como em medicina, direito, compreensão disciplinar e até música, física pós-newtoniana e teoria da complexidade. O

¹⁷ Leia-se as análises de Hébert como “Sémiotiques, Dictionnaire de sémiotique Générale Magritte: toutes les oeuvres, tous les themes, Internet Base données, Dispositifs pour l'analyse des textes et des images, Intertextualité, interdiscursivité et intermédialité, alguns já traduzidos para o inglês, como é o caso de *Tools for text and image analysis* (Internet book), em colaboração com Nicole Everaert-Desmedt.

que é importante para ele é a extensa aplicabilidade da teoria, como ele fez em relação as áreas de humanas e a área médica.

Strategies for grasping things “whole” – such as articulating homologies between, say, Raymond Williams’ “structures of experience” and Greimas’s “meaningful whole” – is, in my judgment a better “future” for Greimassian semiotics than elaborate systematizations of strategy and theory. One fruitful area that has not been systematically pursued (as far as I know) is the relation to Greimassian semiotics to speech-act theory. Speech-act theory does the work of “historicizing” understanding – ‘

Em termos do futuro da semiótica, ele afirma que as estratégias para compreender as coisas "inteiras" - como a articulação das homologias entre as "estruturas de experiência" de Raymond Williams e o "todo significativo" de Greimas são mais importantes que simplesmente elaboradas sistematizações de estratégia e teoria.

Ele sugere o estudo da relação possível entre a semiótica e a teoria dos atos da fala, como uma área frutífera que não foi sistematicamente desenvolvida (até onde ele sabe). Para ele, a teoria dos atos de fala faz o trabalho de "historicizar" a compreensão:

it is why I argue in *A Political Economy of Modernism* that what I call “modernist” modes of understanding, in the arts and sciences, can be apprehended as “performative” modes of understanding. I explicitly argue that semiotics is a modernist science, taking its place with psychoanalysis, ordinary-language philosophy, dialogics, post-Newtonian physics, and even set theory and redefinitions of the infinite in mathematics. It also takes its place among the montage and pastiche of the modernist arts.

Ele argumenta em sua obra sobre a economia política do modernismo que há os modos de compreensão, nas artes e nas ciências que podem ser apreendidos como modos performativos. Teria alguma relação com os modos de vida, trabalho de Greimas incompleto devido a sua morte e que alguns de seus discípulos continuam a explorar?

Schleifer põe a semiótica como uma ciência moderna ao lado da psicanálise, da filosofia da linguagem comum, da dialógica, da física pós-newtoniana e até mesmo da teoria dos conjuntos e redefinições do infinito na matemática, ocupando ainda o seu lugar entre a montagem e o pastiche das artes modernistas.

As contribuições de Schleifer à semiótica e o modernismo de que fala podem ser visualizados em *Intangible Materialism: The Body, Scientific Knowledge, and the Power of Language* (2009), “The Poetics of Tourette Syndrome” (2001), que estuda as bases neurológicas da poesia, *Modernism and Time* (2000), que discute a caixa preta de Latour em relação à Teoria do Ato e, sobretudo, em sua específica área de atuação, “The Culture of Modernism,” que inclui a semiótica como uma ciência moderna.

E a sociossemiotica de Landowski seria o desvendamento de uma “caixa preta”? O que Schleifer teria a dizer?

- I'm afraid I am not knowledgeable to answer this question. If I were to guess, however, I'd think that examining “social semiotics” pursues a widening of the “unpacking” of black boxes.

Embora diga que não possui o conhecimento necessário sobre a proposta de Landowski, se tivesse que adivinhar, diria que uma “semiótica social” seria aquela que buscaria uma ampliação do “desempacotamento” das caixas pretas.

-O que os discípulos de Greimas fizeram com sua semiótica?

Essa pergunta, certamente, não podia faltar. Schleifer responde:

- I am not knowledgeable enough to answer this question.

Apesar de dizer que não tinha conhecimento suficiente para falar sobre o assunto, Schleifer, de certa forma respondeu minha pergunta, se formos prestar atenção em todas as suas respostas concedidas em nossa conversa.

Greimas levantou uma dificuldade teórica e prática, a saber, a conciliação “da presença de múltiplos significantes com a presença de um único sentido” (1979, p. 452) para uma semiótica teatral. Ele lançou a questão: Será possível analisar cada uma das manifestações das linguagens separadamente como entonação em gestos orais, mímica, atitudes e gestos em gesto visual, *mise en scene* de atores, objetos, cenários em proxêmica, jogo de luz, em agendamento cromático, discurso verbal a vozes diversas, reunindo os resultados de uma análise parcial ou realizando uma segmentação simultânea de discurso teatral complexo, como vimos em seu dicionário de semiótica (GREIMAS & COUTES, 1979, p. 452).?

Existiram, claro, as dificuldades do gênio da Lituânia, tamanha sua humildade, quanto aos aspectos práticos e teóricos da sua semiótica inicial, ao que Schleifer vai chamar de “theoretical difficulties,” especially for a technological understanding of semiotics”. Essas dificuldades teóricas, segundo o professor americano, têm a ver com a compreensão de uma semiótica tecnológica, uma compreensão mais interdisciplinar e mais ampla. Para ele, a aplicabilidade da teoria semiótica “can and should enrich our understanding and, indeed, enrich practical aspects of our everyday lives”. Essa amplitude em sua interdisciplinaridade pode e deve enriquecer nossa compreensão, bem como aspectos práticos de nossas vidas no cotidiano. Formas de vida?

Schleifer menciona o ensaio “Modernism as Gesture: Popular Music, Samuel Beckett, and Performed Bewilderment” (2019, *Criticism*), que de forma não explícita ou sistemática, mas de forma silenciosa, tenta trazer o suporte para algumas estratégias da semiótica greimasiana em relação a outras áreas de preocupação prática e cultural. Seu livro *Modernism and Popular Music* (2011, Cambridge), segundo ele, “silenciosamente” persegue as trajetórias semióticas de Greimas sem chamar a atenção. Foi por isso que

escreveu “The Semiotics of Speculation” com a finalidade de “anotar um desenvolvimento sistemático da semiótica greimasiana sem ter que desenvolvê-lo no próprio livro”.

-Quais as potencialidades e limitações na aplicabilidade da teoria em torno do discurso verbal, não verbal e sincrético?

-As I have suggested throughout these answers, Greimas himself embodied the strengths and limitations of his work.

Schleifer nos fala que a limitação de força combinada é sua articulação totalmente sistemática da semiótica. Por isso, ele considera Greimas como sendo o “mais alto” dos altos estruturalistas. Para defender sua tese, afirma que seu trabalho seminal, “Semântica Estrutural”, oferece a convicção pungente de que a sistematização estrutural irá “desempacotar” o entendimento. Schleifer opina que o surgimento da semiótica de Greimas em solo americano, coincidiu com a fúria “pós-estruturalista”:

so that just at its appearance a thorough critique of structuralism – in many ways a *historicizing* critique (which is why, I believe Derrida was so fascinated with Austin and speech-act theory) – simultaneously appeared in our country. This emphasized the limitation of his system, really at the cost of understanding what I have described here as its *practical* systematicity. But Greimas embodied the strengths and limitations more practically: in his thoroughly and almost “non-historical” presentation of its system as seeming trans-historical truths about meaning-structures and in his equally thorough constant sense of widening interdisciplinary “applications” – *historical* applications – of systematic semiotics.

Schleifer cita Derrida, fascinado por Austin e a teoria do ato e da fala, do discurso que aparecem simultaneamente nos Estados Unidos e afirma que esse fato restringe, limita a potencialidade da teoria de Greimas em termos de seu sistema, o que ele vai chamar de “sistematicidade prática”. Destaca, contudo, que Greimas incorporou os pontos fortes e as limitações de forma mais prática. Para ele, Greimas faz uma apresentação completa e quase “não histórica” de seu sistema como verdades trans históricas aparentes sobre estruturas de significado e em seu senso constante igualmente completo de ampliar “aplicações” interdisciplinares - aplicações históricas - da semiótica sistemática.

As pesquisas das décadas de 1970 e 1980 partiam da hipótese da chance de uma “Construção do objeto teatral, situado no nível das estruturas semióticas subjacentes que seriam capazes de gerar o grande espetáculo expresso por todas as linguagens” (GREIMAS & COUTES, 1979, p. 452). Esse discurso teatral a que Greimas se refere, no entanto, não se restringe ao teatro, mas à “ópera e ao balé, ao circo, às corridas, às competições esportivas, aos “espetáculos de rua, etc.” (1974, p. 452). O “show”, portanto, implica a “presença de um espaço tridimensional fechado, distribuição proxêmica, etc.”

(1979, p. 452) e "a presença de um observador de surfactante" com exceção das cerimônias e rituais que exigem a existência desse observador mítico. É assim que Greimas aponta o caminho para uma "caixa preta" de uma semiótica espetacular.

Do mesmo modo, uma construção semiótica especial para a literatura e as artes visuais, as cores que tomam aspectos culturais que relativizam seu sentido, a semiótica subjetiva (Teoria do Sujeito de Coquet?), a entonação, seriam, na opinião de Greimas, outras "caixas pretas" a serem desenvolvidas.

Ao expor estas questões a Schleifer ele me diz que concorda que Greimas se referia ao senso de performatividade da teoria semiótica: "I agree with it – such a sense of performativity has been a basis of much of my work over the years". Essa performatividade tem sido a base de seus trabalhos ao longo dos anos. Como exemplo, ele destaca o livro de Shoshana Felman, *The Scandal of the Speaking Body*, que, segundo ele, une de maneira agradável semióticas continentais e a teoria britânica do ato da fala de forma que isso explica muito do que "Greimas is describing in examining general rather than specific performativity".

Para encerrar nosso "bate papo", perguntei ao colega Ronal Schleifer: -Você acha que Greimas considerava sua semiótica uma ciência imperfeita, ou estava frustrado com a imperfeição do mundo, incluindo os homens e suas ações?

Ele respondeu, mais uma vez de forma humilde, que não tem conhecimento suficiente para responder a esta pergunta. Ainda assim, se pressionado, ele diria que aprendeu com ele, Greimas, que a semiótica é uma ciência imperfeita. Seu maior exemplo desta imperfectibilidade é a sistematicidade do quadrado semiótico que permanece "imperfetamente" ligada ao segundo termo do quadrado. O segundo termo, arbitrariamente define o campo semântico. Assim, em um exemplo Schleifer usa "homem" como o primeiro termo e, o segundo termo, por exemplo, "Mulher", define o campo da sexualidade/pessoalidade que o quadrado desdobra. Scheifer conclui que o segundo termo poderia ser "animal", caso em que o campo seria espécies/criaturas vivas. Por essas razões, Schleifer prefere usar o termo "especulação" em um artigo para descrever como a semiótica sistemática greimassiana restringe a especulação em vez de buscar a ciência sistemática - e talvez "positiva".

CONCLUSÃO

Os sinais de que as "Caixas Pretas" existiram podem ser observados quando Greimas fala sobre análise para o teatro, a ópera, o balé, o circo, as corridas, as competições esportivas e os espetáculos de ruas. Não existe uma linguagem ou uma metalinguagem para esse tipo de análise com um arcabouço teórico próprio.

Quanto ao desenvolvimento da semiótica de Greimas, Eric Landowski pode ser destacado junto com Jacques Fontanille como os colegas mais próximos de Greimas. Correndo o risco de esquecer alguém como participante e contemporâneo de Greimas, podemos citar também Claude Zilberberg, Jean-Claude Coquet, Jean-Marie Floch e Nícia Ribas D'Ávila, orientada pelo próprio Greimas no doutorado que defendeu em 1987 na Sorbonne, sob a presidência de Greimas e contando com Jean Claude Coquet como membro da Banca Examinadora.

D'Ávila, desta forma, é uma semioticista brasileira que desvenda “caixas pretas” por meio da proposta de uma teoria da figuralidade, também chamada em seus livros *Semiótica Sincrética Aplicada: novas tendências* (2007) e *Semiótica Verbal e Sincrética Verbo-Visual e Verbo-Musical, Teorias e Aplicabilidade* (2015) como teoria daviliana, se formos considerar que, diferente de Floch, cuja contribuição para o desenvolvimento da teoria não pode ser esquecida, D'Ávila apresenta um arcabouço teórico para a análise do texto imagético e sincrético com linguagem própria já na década de 80. Naquela época, ainda como contemporânea de Jean Marie Floch, D'Ávila já mostrava sua preocupação em seguir adiante com honestidade o Projeto de Greimas, desenvolvendo novos conceitos e já propondo (1987) estudos mais arrojados quanto as distorções na música (sincopa), e entoação e suas distintas entonação e entoação.

Leituras múltiplas em tempos de pós-doutorado (2016-2018) e de pesquisas com centenas de alunos brasileiros e americanos com a aplicabilidade da teoria, pesquisas estas que começaram em 2014 e se findaram em 2021 nos mostraram que as caixas pretas existem e, embora algumas já tenham sido desvendadas, conforme o arcabouço teórico proposto por D'Ávila, neste artigo, com os diálogos com os estudiosos Ronald Schleifer e Louis Hébert, percebe-se que ainda há um terreno fértil a ser desvendado, mesmo porque, sendo a semiótica uma ciência, não poderia, jamais, ser desprovida de sua dinamicidade.

Das propostas apresentadas mencionadas pelos entrevistados, não há novos desvelamentos de caixas pretas. O professor Schleifer mostra, no entanto, uma série de caixas pretas desenvolvidas pelo próprio Greimas e sugere ainda outras por meio de suas próprias publicações conforme vimos ao longo do texto. O professor Hébert sugere um estudo minucioso dos semas e isotopia como possíveis lacunas deixadas para se explorar e ampliar a teoria. E você, o que pensa das “caixas pretas” e do que fazem os “discípulos” de Greimas ao redor do mundo?

REFERÊNCIAS

BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica literária**. Tradução do Grupo CASA sob a coordenação de Ivan Lopes. Bauru, São Paulo, EDUSC, 2003.

COQUET, Jean Claude. 1984. **Le Discours Et Son Sujet, I: essai de grammaire modale**. (“Semiosis”. Klincksieck, Paris, 1984).

COQUET, Jean Claude. 1984. **Le Discours Et Son Sujet, II: pratique de la grammaire modale**. (“Semiosis”. Klincksieck, Paris, 1985).

DÁVILA, Nícia Ribas. (org.) **Semiótica Verbal e Sincrética Verbo-Visual e Verbo-Musical Teorias e Aplicabilidade**. Bauru, São Paulo: Canal6editora. 2015.

DÁVILA, Nícia Ribas. (org.) **Semiótica Sincrética Aplicada. Novas Tendências**. São Paulo. Arte e Ciência, 2007.

DÁVILA, Nícia Ribas. Semiótica Visual - O ritmo estático, a sincopa e a figuralidade. In: **Semiótica & Semiologia**. Org. D. Simões. Rio de Janeiro: Dialogarts (UERJ), 1999a, p.101-120.

DÁVILA, Nícia Ribas. Comunicação Visual: Simbolismo e Semi-Simbolismo na Teoria Semiótica da Figuratividade Visual. In: **Semiótica Sincrética Aplicada: Novas Tendências**. Org. Nícia Ribas D’Ávila, São Paulo, Arte e Ciência, 2007.

DÁVILA, Nícia Ribas. Diálogos entre C.S.Peirce e A-J.Greimas. In: AGUILERA, V. A. e LÍMOLI, L. (Orgs.). **Entrelinhas, entretelas: os desafios da leitura**. Londrina. Ed. UEL, 2001b, p. 65-78.

DOMINGUES, Adenil A. A Comunicação em Peirce e Greimas. **Estudos Linguísticos** XXXIII, P. 185-191, 2004, http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2004/4publica-estudos2004-pdfs-comunic/a_comunicacao_peirce.pdf visitado em 28 de novembro de 2013.

FLOCH, Jean-Marie. Refusing Euphoria: A Disagreement among Pharmaceutical Companies and General Practitioners. In **Semiotics, Marketing, and Communication. Beneath the Signs, the Strategies**. Translated by Robin Orr Bodkin. New York: Palgrave-St. Martin's, 2001, pp. 73-107.

FLOCH, Jean-Marie. The Contribution of Structural Semiotics to the Design of a Hypermarket. **International Journal of Research in Marketing** 4.3 (1988): 233-252. English translation by David Sugarman and Joanne Weston. Rpt. in Floch, *Semiotics, Marketing, and Communication. Beneath the Signs, the Strategies*. Translated by Robin Orr Bodkin. New York: Palgrave, St. Martin's Press, 2001, pp. 138-164.

FLOCH, Jean Marie. **Semiotics, Marketing, and Communication. Beneath the Signs, the Strategies**. Tradução de Robin Orr Bodkin. New York: Palgrave, St. Martin's Press, 2001, pp. 138-164.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. **Tensão e significação**. Tradução de Ivan Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldyr Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial/Humanitas, 2001.

FONTANILLE, J. **Semiótica do Discurso**. Contexto, 2011.

GREIMAS, Algirdas Julien and Jacques Fontanille. 1991. **Sémiotique Des Passions. (Éditiones Du Seuil) Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma**. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini, São Paulo: Ática. 1993).

GREIMAS, Algirdas Julien. 1993a. Le beau geste. **Recherches sémiotiques**, n. 13, p. 21–35.

GREIMAS, Algirdas Julien. 1981. De la colère. Études de sémantique lexicale. **Actes Sémiotiques**. (Documents, Paris III (27). 1981).

GREIMAS, Algirdas Julien & COURTÉS, Joseph. 1979. **Semiotique: Dictionnaire Raisonne de la Theorie du Language (French Edition)** Hachette. French & European Pubns (October 1, 1993). *Dicionário de Semiótica*. (Translated by Alceu Dias Lima, Diana Luz Pessoa

GREIMAS, Algirdas Julien e COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. Contexto, 2012.

GREIMAS, Algirdas Julien. **De la imperfección**. Tradução de Raúl Dorra. Universidade Autônoma de Puebla. Mexico, 1990.

GREIMAS, Algirdas Julien. (org) **Ensaaios de Semiótica poética**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. Título Original ESSAIS DE SEMIOTIQUE POÉTIQUE, 1972, Librairie Larousse. São Paulo, Cultrix, 1975.

GREIMAS, A.J. & FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das Paixões**. Tradução de Marisa José Rodrigues Coracini. Ática. São Paulo, 1993.

HÉBERT, Louis. **L'analyse Des Textes Littéraires: Une Méthodologie Complete**. Numéro de la version : 10.0. Date de la version: 02/11/2013. <http://www.signosemio.com/documents/methodologie-analyse-litteraire.pdf>.

HÉBERT, Louis. **L'analyse Des Textes Littéraires: Vingt Méthodes**. Numéro de la version: 1.0. 2013. <http://www.signosemio.com/documents/approches-analyse-litteraire.pdf> visited on November 4th 2013. Date de la version: 05/03/2013

HÉBERT, Louis. **Tools for Text and Image Analysis: An Introduction to Applied Semiotics**. Tradução do Francês de Julie Tabler Louis Hébert © 2011. version 3: 13/10/2011 <http://www.signosemio.com/documents/Louis-Hebert-Tools-for-Texts-and-Images.pdf> visited on November 4th, 2013.

LANDOWSKI, E. **Sociossemiótica: uma teoria geral do sentido**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 27, p. 10-20, jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014119609>

SCHLEIFER and VANNATTA. **The Chief Concern of Medicine** (2013, University of Michigan Press).

SCHLEIFER Ronald. Elaborate analysis of Greimas's narratology in relation to the work of Lévi-Strauss. In Schleifer, Davis, Mergler, **Culture and Cognition** (1991, Cornell University Press) in a chapter entitled "Structures of Meaning: The Logic of Narrative and the Constitution of Literary Genres."